

## O MITO DA CRIAÇÃO

*Nélida Piñon*

Presidência: Flammarion Leite Tavares (PB)

A criação tem rastro difícil, imperceptível, mal se enxergando as suas marcas e as suas origens. Qualquer ato criativo confunde-se primordialmente com a vida, com a língua, com a pátria, com a própria biografia, com a memória coletiva, e com o tempo presente e pretérito.

Sempre que se fale deste ato enigmático e voraz, dele não se podem expulsar a mesa, a cama, as batalhas, os gestos cotidianos.

A minha vida, como a de todo escritor, está possivelmente embutida no texto, ali cravada como uma lança. E sobre esta vida e este texto, só posso referir-me com absoluta relatividade. Aprendi, no entanto, com meu avô Daniel, desembarcado na Praça Mauá, há setenta anos, vindo de Espanha, que antes mesmo do meu nascimento, antes de ofertar-me esta terra singular, iniciara ele, em meu nome, uma espécie de viagem que me caberia prosseguir desde que me habilitasse ao imaginário, às dúvidas, às incertezas.

E, menina ainda, aprendi que Simbad, este admirável mito volátil, não viajara com o intuito de narrar em cada porto as histórias que havia vivido no capítulo anterior. Ao contrário, desde o seu nascimento, antes mesmo de deixar terra firme, Simbad fora abonado ao mesmo tempo com a invenção e a mentira, ambas legítimos avessos e reflexos da verdade. E esta invenção e esta mentira facultando-lhe um poder narrativo que se negava veementemente a resumir em poucas frases a aventura humana. Em suas mãos, a história deveria começar sem a perspectiva de jamais terminar.

De posse, então, da certeza de que se viaja até mesmo pelos arquipélagos da língua, compreendi em seguida que a simples apropriação do ereditário coletivo autoriza-nos a fazer parte dele. E que a rua onde se vive é, muitas vezes, o universo. A terra onde se está é suficiente se soubermos bordar, com o auxílio das agulhas e das linhas humanas, personagens, intrigas ardisas, metáforas que não se esgotam, ingredientes, enfim, que neutralizam e ao mesmo tempo projetam luz sobre a onipotência de quem pensa saber narrar.

Mas, como prova de que teçi diferente de Penélope, que à noite desmanchava a própria história, contrário a Ulisses que, egoísta, soube armar a sua inteira para ele, fui devagar fazendo-me escritora. Devagar invadindo o ofício sem logo reconhecer a categoria do material com que lidava, sem lhe dimensionar os limites. E isto porque a consciência e os encargos éticos deste ofício se conquistam com os anos, especialmente com o socorro da paixão, esta matéria ígnea capaz de traduzir o que a lucidez, muitas vezes, não pode explicar.

Sei bem que o objeto da criação é o texto. E que tudo se realiza em torno deste fim. Mas não posso aobrdar as filigranas do texto e do mito que gira em torno de si, sem primeiro proclamar a identidade da língua, que é a forma física da nossa alma.

Temos todosa língua nas mãos e no coração. Ela está em todas as partes, ela é o que somos, o que fazemos dela. E apesar da sua tradição portuguesa, que justamente violentamos para que a nossa história se fizesse, e nos representasse, esta língua, aqui, no Brasil, é jovem, tem menos de quinhentos anos.

Sob sua tutela, e através do seu processo histórico, coube ao escritor brasileiro aprender que nesta terra se formaram mitologias e enredos exatamente fartos para que nenhum dos seus criadores viesse jamais a esgotar seus recursos ou pudesse um dia acuá-los de insuficientes.

Sem dúvida esta língua portuguesa está ao nosso serviço. Jovem e africana como nós, brasileiros. Plangente, de índole excessiva, sempre exigindo que nos excedamos para só assim alcançarmos os seus reais sentimentos. E, porque é jovem, e está sempre a explicar-se, arranca ela, de onde seja; o pensamento que a represente e a explique.

Esta nossa língua, antes ancorada no Tejo, começou a rejuvenescer ou, quem sabe, a nascer, justamente quando os primeiros navegantes deixaram a Europa, ainda com a língua lusa debaixo das axilas, lambuzada de suor e de rigor gramatical. Mal nevagaram o Atlântico, o gosto da aventura foi-lhes afetando os substratos lingüísticos. A terra a que vinham em busca deu-lhes, em seguida, novo sentido à língua, cobrou-lhes outra sintaxe, ia-lhes descascando as palavras envelhecidas em prol das que vinham nascendo.

O Brasil, antes mesmo de deixar-se descobrir, antes de ofertar aos navegantes a primeira geografia que correspondese aos seus sonhos, deles cobrava uma língua que, além de o definir, fosse de encontro às suas futuras necessidades. Exigia dos navegantes e colonizadores sobretudo nova maneira de narrar, pois que o mundo aqui desabrochado era de tal modo esplêndido, descomunal, contraditório, que só um instrumento a fim passaria a dever-lhe fidelidade.

Pedia-lhes o Brasil uma língua generosa e matizada, para que toda história, a fazer-se um dia, nela coubesse inteira e sem mentiras. E que fos-

se esta língua igualmente porosa, para que tudo mais, vindo depois, não se excluísse da sua narrativa.

Aos nomes então dados, os brasileiros acrescentaram outros. Nomes às árvores, aos rios, aos sentimentos que estes rios e essas árvores despertavam. E o que se vislumbrou ou intuiu-se, ganhou palavra fortemente propensa a unir-se às existentes, para formarem, colegiadas, um pensamento nacional.

Nada ficou sem batismo. Cada nome convertia-se em um rosto sempre que descrito e em uso permanente. Havia a tímida consciência de que quantos mais nomes acumulássemos, muito mais teríamos a criar, a protestar, a defender. O país nos excedia em tudo, a fim de que a história da nossa invenção fosse sempre a história da nossa existência, da nossa capacidade de reencensar e subverter todas as realidades.

Nesta batalha que antecede à fábula de uma nação, foram todos convocados. Os que escreviam, como os que narravam ao pé do fogo. Não houve poupança, nem ausência de depoimentos expressivos. À sua maneira, cuidavam todos de fortalecer uma herança. Alguns, ganharam glória e monumento nacional. A maioria permaneceu anônima. Seus nomes não podem ser resgatados da escuridão para que lhe prestemos honras.

Narravam eles simplesmente sem o benefício da pena. A voz era o único instrumento com que se aproximavam da alma popular e desprevenida. Mas, onde quer que estivessem, no descampado e nas salas de visita, esses anônimos reforçavam a caminhada da língua e a trajetória secreta de um país. Seus enredos transitórios acalentavam vizinhos e modestas comunidades. Eram esses homens e essas mulheres os livros inexistentes nas prateleiras de um país pobre. Eram eles os livros que ainda seriam escritos, que contavam, não tinha autoria, rumo certo. Talvez, sim, tivessem suas histórias o sabor de uma liberdade que o papel não fixa. Mas, porque se mostravam hábeis, suas histórias em voz alta eram aquelas com que todos sonhavam viver, imitar, e tão poucos haviam conhecido de perto.

Mal teciam a narrativa, e seus rostos se desvaneciam. Deles restavam a memória do verbo e a certeza de que a vida se fabricada todos os dias. Especialmente porque não sabiam dar fim a uma narrativa que expulsasse a um só tempo quem cria e aquele que é criado. Iam emendando um livro no outro, todos invisíveis. Até que os substituíssem na tarefa de inventar. Mesmo porque, havendo os anos passado, tocara-lhes a tarefa de morrer.

A sucessão, nesses casos, sempre se fez de modo natural. Quem veio depois tomava da última frase solta no ar e ia aprimorando uma técnica que esgotasse maior número de realidades. E porque o cotidiano ainda causava danos, iam todos em busca da palavra albergada no peito do homem e que até então fora o seu segredo e o seu enigma.

Esta mágica investigação da vida e da língua se sucedendo até os nossos dias, sem interrupção de um só minuto, de modo a que o escritor ja-

mais duvide de que o produto de sua criação é de origem e fabricação coletivas. E que sem a providência de tais depoimentos anônimos e fugazes, a existência como um todo lhe escaparia, não teria seu texto nascido. Pois o escritor unicamente se faz segundo o ritmo dessa língua dispersa, segundo as lendas, os sonhos, as fantasias, as dores que o povo cria em conjunto com o propósito de resistirmos todos a qualquer sistema que nos queira desfalcar desse patrimônio comum. A construção de um mundo através do qual pode o escritor aproximar-se da artéria primordial do homem e auscultar-lhe o mito subtraído e reconquistado diariamente. Ali então apalpar o sacro e o profano, interpor-se entre eles. Descrevê-los como se os pudesse reter, dar-lhes credibilidade, ir às suas origens. Entrelaçar-se o escritor afinal com o mais penoso dos mitos, que sempre lhe ronda a casa, que é o mito da criação.

Para dar-se conta de que criar é um violento assalto ao organismo sensível. E que os transtornos de tal ato bem justificam o mistério da sua gênese. E que toda versão resultante deste nascimento é um mito ganhando de cada autor um retrato nem sempre de acordo com as versões dos vizinhos, dos leitores, de outros escritores.

Quer no entanto o escritor definir-se, esclarecer as sementes míticas que nele repercutem e, portanto, sensíveis de se repetirem nos outros e pelos outros sensíveis de serem igualmente descritas. Simula presidir integralmente os próprios recursos, enquanto retoca, e de maneira exaustiva, a sua matriz criadora, para que não se esgote o que lhe chega às vezes em golfadas. Nestas análises esquecido da procedência do texto, instaurado antes da sua "ars poética". Um texto vocacionalmente voltado a contrariar as versões e as descrições que dele se façam, e sempre pronto a despojar o escritor das suas máscaras e de seus disfarces.

Um fazer poético através do qual, no entanto, o escritor reavalia diariamente a sua consciência verbal, e adquire a certeza de que criar é, ao mesmo tempo, o desvendamento de uma obsessão proclamada na própria escritura e uma pré-condição da linguagem de que ele fará uso. Quando a criação, no eterno confronto entre texto e escritor, cada qual retratando respectivamente o que se deixa descrever e o que escreve — aspira alcançar todos os estados e aparências que se propõe a representar, mas que resiste à sua apreensão.

A tentativa pois de fixar o texto, ir de encontro ao que não tem aparência verbal a ponto ainda de ganhar forma, embora se tenha pressentido, é para o escritor uma conseqüência de si mesmo. Sobretudo porque ganhar corpo físico é uma das tentações do texto.

A partir, porém, do processo inicial da escritura, acentuam-se as contradições do autor. Uma vez que obrigado a eleger de um material caótico o que julga indispensável para a narrativa, este simples ato seletivo representa uma opção moral. E porque ainda lhe foram asseguradas todas as li-

berdades — pois o texto nasce de formas inventadas — preencher o vazio entre o texto concebido e texto se fazendo é uma das versões mais comprometedoras que o artista tem do próprio livro.

Mas, enquanto o texto se faz, a sua vocação real é expulsar o outro texto interiorizado nele mesmo. Como se dentro de um livro houvesse outro, que o autor une em um só volume a merecer as leituras destinadas a vários autores. Pois apesar da aparência imutável do livro, relaciona-se o texto consigo mesmo, e com o que lhe é próximo, à medida que se torna uma criatura e um pensamento. E ainda a linguagem desta criatura e deste pensamento. Quando escrever passa ser um ato de identificação com qualquer espécie de real. Quando fazer ver acima das possibilidades do real subvencionado, já em busca do real criticável, é tarefa de quem escreve.

No entanto, há uma adequação natural entre a realidade e do texto e a realidade que o gerou. E a despeito da necessidade de se tornar concreto o que se quer dizer, este mesmo texto abriga certamente alguma obscuridade imediata, a serviço mesmo dos seus encargos poéticos. Nestes casos revelando-se uma linguagem subjacente, cuja função é preservar todo e qualquer resíduo precioso. O que deve chegar à superfície luminosa da palavra. De modo a que nada se esvaia do pensamento.

A realidade, porém, não é o contrário da linguagem. E nem a linguagem é a abstração do real. Ao contrário, por ser a linguagem um instrumento socializado e socializante, através dela o escritor dá caução ao real no afã de definir os sentimentos. E oferece-lhe uma escrita. Uma representatividade poética ao que era antes latente. O escritor narra o percurso lingüístico da linguagem. Apreende seu organismo, saúde, emoção, por via de um sistema de apropriações e expropriações, já que nada tem dono, nada tem nome. Nome unicamente terá o que resiste ao tempo, à nossa voracidade afetiva e imaginária.

Mas, ao fazer caminhar o instinto da sua escrita paralelo ao instinto popular que reforça o repertório da língua, o escritor admite a insuficiência da sua própria história e o quanto a linguagem, ao servir-se dela, impõe-lhe prioritariamente o enredo coletivo. Pois de natureza móvel e modular, a narrativa está em todas as partes, na sua agonia de suceder-se. A narrativa pois antecipa-se ao escritor, ainda que ele, na expectativa de desvendar sucessivas formas de vida, empenhe-se em colher a tempo as rugas, o drama, o futuro impressos no rosto humano.

A batalha do escritor é inventar para dizer a verdade. E, para tal, apoia-se sobre tecido verbal que há de negar-lhe seus recônditos recursos sempre que ele, como autor, perca a coragem de desestruturar-se permanentemente com o intuito de enfiar a faca no coração da linguagem, da vida, que é o coração do homem.

Esta é uma luta difícil, e que não o regala com a certeza de estar pisando território desocupado. Uma vez que o novo, um estado ambicio-

nado pelo escritor, é transparente, unicamente ele, que é novo, se determina, ele, o novo, se deixa refletir. Sem dúvida, o novo é um projeto que o futuro avalizará ou não.

Seja como for, escrevendo, ou à escuta, nos apertados corredores das fechaduras, o destino do escritor é fazer com que o povo creia na vida que fabricou e vive sem se ter dado conta, insensibilizado pelo cotidiano a serviço do Poder. Esta denúncia da vida prisioneira de si mesma não impedindo, no entanto, a revelação de uma safra nobre que abriga os melhores sentimentos humanos.

E porque suas criaturas, que são encaminhadas para o texto, padecem de volatização do tempo, da linguagem implacavelmente lógica e racional e das restrições que inauguram ou podem clausurar seu texto, o escritor projeta panos de fundo falsos, e portas cujas entradas nem sempre são indicadas pela seta pintada a nanquim. E devota-se, como autor, à intuição, que é o mais atualizado dos conhecimentos. E sem o qual, a bem do seu ofício, não se integraria a uma narrativa que se quer insubmissa, cujos melhores fluxos lhe chegam sempre por via dos nexos afetivos, ritualísticos, memorialísticos, jamais interrompidos.

E assim age o escritor, porque seu ofício é necessário. E não se dedicasse ele à narrativa talvez os elos humanos se desfizessem, a linguagem teria perdido o seu inguálável poder de combinar o circunscrito a ela com o que se pode fazer em seu nome. Terminaríamos por confundir invenção com o simples recurso biográfico. Sem o esforço do escritor, talvez se ignorasse que atrás da história existe outra, uma outra existe atrás, e assim sucessivamente até o começo do mundo. A vida humana preservada ao longo de inesgotável cadeia narrativa. Ao longo destes recibos de que dependemos para conhecer os próprios feitos, as palavras ditas ao acaso, a solidariedade, as omissões, o que somos enfim.

Não fossem a literatura a registrar a ascensão e o declínio dos mais ásperos, inóspitos e ambíguos sentimentos, e ainda a comprovação do autor a avalizar instantes da vida, nos creríamos todos sempre os primeiros a ter vivido o assalto da paixão, o tormento da dúvida e a miséria da injustiça.

Eis sempre o escritor com o mito e a palavra nas mãos. Ambos inclinados a ultrapassar os limites do real possível para ingressarem no real imaginário, que é o sonho coletivo. Quando a história passa a ser o relato há muito aguardado pela coletividade para também ela narrar. Também ela sentir-se detentora de uma fábula a que tem direito, e que corresponde ao apetite da sua voz.

A língua novamente voltada para o mito que a gerou e a ativou. Quando, então, povoada de aspirações sacras e profanas, integra-se encantatória a um *corpus* indissolúvel, a um campo minado por mil combina-

ções. Disposta a língua a superar qualquer conceito, qualquer censura que a restrinja, que limite seu uso.

Mas o escritor, cingido à linguagem, ao mito, à imaginação, toma da vida e a faz pulsar no texto. Ali, nesse centro, deixamo-nos todos usar mediante a esperança de uma profunda revelação. Mediante a certeza de que a história humana é prioritária e que todos nós coincidimos no tempo. Todos nós estaremos sujeitos ao mesmo penoso exílio se perdermos a memória, se permitirmos que nos roubem a linguagem, os mitos e nossa inextinguível capacidade de recriá-los.

---

### NÉLIDA PIÑON

Nasceu no Rio de Janeiro, Descende de família espanhola.

Graduada em Periodismo na PUC

Ministrou cursos na UF do Rio de Janeiro, em Columbia e em Nova Iorque  
Pronunciou conferências, participou de congressos internacionais, exerceu atividades editoriais.

É novelista e contista figurando em antologias brasileira e latino-americana.

#### OBRAS PUBLICADAS:

Novelas: — “Guia — mapa de Gabriel Arcanjo”

— “Madeira feita Cruz”

— “A Casa da Paixão”

— “Tebas do meu coração”

— “A Força do Destino e Fundador”

Contos: — “Tempo das Frutas”

— “O Calor das Coisas”

— “Sala de Armas”